

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO COMUNICAÇÃO SOCIAL - AUDIOVISUAL

A TV DO BRASIL É EM CORES?:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LGBT A PARTIR DE
FÉLIX KHOURY, DA NOVELA AMOR À VIDA (2013)

Eudes Freitas de Araújo

Natal / RN
2020

Eudes Freitas De Araújo

A TV DO BRASIL É EM CORES?:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REPRESENTATIVIDADE LGBT A PARTIR DE
FÉLIX KHOURY, DA NOVELA AMOR À VIDA (2013)

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel do Curso de Comunicação Social – Audiovisual.

Orientadora: Prof.^a Dra. Janaíne Aires

Natal / RN
2020

Dedico esta monografia à minha mãe, Maria Eulália de Freitas, que foi e continua sendo meu alicerce para alcançar meus objetivos. Agradeço a Luiz Inácio Lula da Silva por, em seu exercício da presidência do Brasil, ter aproximado os jovens brasileiros do sonho do ensino superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora e orientadora Janaine Aires por todo o conhecimento passado, e por ter me guiado com excelência pelos caminhos da realização deste estudo; Agradeço à professora Aline Lucena por, através da abordagem da Declaração Universal dos Direitos Humanos em sala de aula, ter dado ignição às ideias que culminaram na realização desta monografia; Agradeço aos meus amigos, que me apoiaram e contribuíram para que eu pudesse chegar ao fim deste ciclo.

*Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes fazem o carnaval*

Podres poderes, Caetano Veloso (1984).

RESUMO

Esta monografia elabora um levantamento sobre os personagens LGBTs na teledramaturgia da Rede Globo de Televisão entre os anos de 2009 e 2019, buscando observar a quantidade, o perfil e o desfecho dos personagens e correlacionando com os autores, com o intuito de identificar padrões de abordagem e categorizar os perfis construídos. Utilizando de estudos sobre história do movimento LGBT no Brasil e heteronormatividade, traça-se um paralelo sobre os impactos sociais da representatividade LGBT e a forma como esta minoria é retratada na televisão. Analisa-se especialmente o personagem Félix Khoury, interpretado pelo ator Mateus Solano, na novela *Amor à vida*, de Walcyr Carrasco (2013). Em um breve estudo de caso, constatam-se as divergências entre a representação midiática da comunidade LGBT na novela e a vivência real dos membros deste grupo, elucidando também um desalinhamento entre os objetivos do movimento LGBT e a mensagem transmitida a partir da obra. A relação histórica de homens *gays* com o humor foi utilizada para elencar possíveis problemas referentes à descredibilização deste grupo através de suas representações em obras televisivas, bem como na relação de causalidade entre a mídia e o senso comum sobre a comunidade LGBT no Brasil.

Palavras-chave: LGBT; Novelas; Rede Globo.

ABSTRACT

This monograph surveys the LGBT characters of the Rede Globo de Televisão teledramaturgy from 2009 to 2019, observing the quantity, profiles and outcomes of these characters, relating them to the authors in order to point out patterns of narrative construction and categorize the profiles. Using studies on the history of the LGBT movement in Brazil and heteronormativity, a connection is made between the social impacts of LGBT representativeness and the way this community is portrayed on television. The character Félix Houry, played by the actor Mateus Solano in the novel "Amor à Vida", by Walcyr Carrasco (2013), is specifically analyzed. In a case study, the divergences between the representation of the LGBT community in the soap opera and the real lives of the members of this group are pointed out, also elucidating a divergence of purpose between the LGBT movement and the message conveyed by this soap opera. The historical relationship between gay men and the humor industry was used to debate possible problems regarding the discredit of this group through their representation in television works, as well as the causal relationship between the media and common sense about the LGBT community in Brazil.

Keywords: LGBT; Soap opera; Rede Globo.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

TABELA 1 – PERSONAGENS LGTBs DAS NOVELAS DAS NOVE EXIBIDAS PELA REDE GLOBO ENTRE 2009 E 2019

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE PERSONAGENS POR ANO

GRÁFICO 2 – POSIÇÃO DOS PERSONAGENS PERCENTUALMENTE

GRÁFICO 3 – CATEGORIAS DE PERSONAGENS PERCENTUALMENTE

TABELA 2 – PERSONAGENS E CATEGORIAS POR AUTOR / AUTORA

FIGURA 1 – CECÍLIA E LAÍS (*VALE TUDO* - 1998)

FIGURA 2 – CECÍLIA EM CENA DE MORTE POR ACIDENTE DE CARRO (*VALE TUDO* – 1988)

FIGURA 3 – LEILA E RAFAELA (*TORRE DE BABEL* - 1998)

FIGURA 4 – LEILA E RAFAELA EM CENA DE EXPLOSÃO DO SHOPPING (*TORRE DE BABEL* – 1998)

FIGURA 5 – FÉLIX KHOURY EM *AMOR À VIDA* (2013)

FIGURA 6 – FÉLIX ABANDONA BEBÊ EM CAÇAMBA (*AMOR À VIDA* – 2013)

FIGURA 7 – FÉLIX KHOURY NA SEQUÊNCIA DE CONSUMO DE MACARRÃO INSTANTÂNEO (*AMOR À VIDA* – 2013)

FIGURA 8 – ALFREDINHO E MAURIÇÃO EM *ZORRA TOTAL*

FIGURA 9 – FÉLIX E NIKO SE BEIJAM (*AMOR À VIDA* – 2014)

FIGURA 10 – FÉLIX E CÉSAR SE RECONCILIAM (*AMOR À VIDA* – 2014)

FIGURA 11 – FÉLIX E CÉSAR DÃO AS MÃOS (*AMOR À VIDA* – 2014)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LGBTs: EXISTÊNCIA, EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DOS ANOS	12
1.1. <i>Trajetória do movimento LGBT</i>	12
1.2. <i>Termologias</i>	14
1.3. <i>Padrões heteronormativos</i>	15
1.4. <i>Influência da mídia na construção da subjetividade</i>	17
2 LGBTs E A TELEDRAMATURGIA NO BRASIL	23
2.1 <i>Personagens LGBTs em cena</i>	23
2.2. <i>Levantamento de personagens das telenovelas de horário nobre da Rede Globo de Televisão (2009-2019)</i>	27
3. UM ESTUDO DE CASO SOBRE FÉLIX KHOURY	37
3.1. <i>Caracterização do personagem</i>	37
3.2. <i>Análise do personagem</i>	39
APONTAMENTOS FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa o primeiro lugar nos *rankings* mundiais da intolerância: o Grupo Gay da Bahia (SOUTO, 2018) estima um aumento de 30% dos casos de mortes de LGBTs entre 2016 e 2017. O comportamento do brasileiro, por sua vez, é historicamente influenciado pela TV, veículo do qual podemos citar as telenovelas como produtos mais importantes da grade de programação. Nesta monografia apresentaremos uma análise sobre a representatividade LGBT na teledramaturgia brasileira, a partir de um estudo de caso sobre o personagem Félix Khoury interpretado pelo ator Matheus Solano, em *Amor à Vida*, de Walcyr Carrasco (2013).

Nosso objetivo é analisar a representação social das pessoas LGBTs na teledramaturgia brasileira, bem como traçar um paralelo entre suas realidades e as possíveis influências que a produção audiovisual nacional pode exercer sobre elas. Para tanto, desenvolvemos um levantamento de dados sobre a participação de personagens LGBTs nas novelas exibidas em horário nobre pela Rede Globo entre 2009 – 2019. Associamos este levantamento à análise do perfil de personagens com o intuito de identificar as características e seus padrões narrativos. Como a presença de personagens LGBTs em novelas influencia na percepção social desta comunidade no Brasil?

Para o desenvolvimento desta análise, reunimos informações sobre a obra de Walcyr Carrasco, autor que exerce bastante relevância na teledramaturgia brasileira. Adotamos este personagem que teve grande destaque a fim de possibilitar uma análise precisa sobre as influências e as possíveis padronizações narrativas presentes na obra. A análise do perfil do personagem, o papel que desempenha na trama e suas possíveis reverberações sociais à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos é fundamental para compreender o impacto que a teledramaturgia desempenha no reconhecimento de direitos e da cidadania deste grupo.

Desta maneira, no Capítulo 1 denominado *LGBTs: Existência, expressão e representação ao longo dos anos* buscamos problematizar a questão LGBT, elaborando um breve histórico sobre o movimento, abordando atravessamentos das causas defendidas pelo movimento com padrões de comportamento enraizados em nossa sociedade e refletindo sobre a influência da mídia na construção da subjetividade. Já no Capítulo 2, intitulado *LGBTs e a Teledramaturgia no Brasil*, apresentamos o levantamento de dados sobre as novelas da Rede Globo, seus autores e dos personagens LGBTs entre 2009 e 2019. Analisamos quantitativamente estes personagens e buscamos identificar os autores que debatem esta temática com maior frequência. Já no capítulo 3 nos dedicamos à análise do personagem Félix,

de *Amor à vida* – sua personalidade, posição na trama, profissão, desfecho e outros aspectos.

Por fim, apresentamos nossos apontamentos finais e os resultados de nossa investigação.

1. LGBTs: EXISTÊNCIA, EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DOS ANOS

Neste capítulo introduziremos a causa LGBT como tema, contextualizando seu surgimento e o início de sua identificação como movimento, abordando as diferentes manifestações que culminaram no início do que hoje conhecemos como movimento LGBT. Além disso, entraremos em detalhes referentes à epistemologia da sigla LGBT, sua história, as variações que sofreu e os motivos que levaram a tal. Em seguida, entraremos no assunto heteronormatividade, explicando o uso da expressão e discorrendo sobre os atravessamentos que tal normatização inflige à comunidade LGBT, bem como suas potenciais consequências.

Discorreremos também sobre as circunstâncias que possibilitaram a construção da imagem internacional do Brasil no que diz respeito à diversidade sexual, nos debruçando sobre a importância que a história do desenvolvimento econômico e cultural da cidade do Rio de Janeiro e do seu carnaval exerceram sobre este assunto.

1.1. *Trajetória do movimento LGBT*

Na década de 1960, os Estados Unidos viviam profunda repressão à homossexualidade. As leis proibiam qualquer tipo de comportamento associado à homoafetividade: relações entre pessoas do mesmo sexo, roupas consideradas do sexo oposto etc. O que acontece com grupos de pessoas que são marginalizados é, geralmente, a busca por refúgios: marginalizados, os membros deste grupo tendem a procurar espaços onde possam se sentir mais à vontade ou menos reprimidos quanto a suas existências e suas particularidades. Em Nova Iorque não foi diferente. No bar *Stone Wall Inn*, que ficava no bairro de Greenwich Village na cidade de Nova Iorque (EUA), acentuou-se a presença de pessoas LGBTs como frequentadoras e, indo de encontro com o que esperavam a classe conservadora novaiorquina e seus representantes políticos, o lugar se tornou símbolo de acolhimento à comunidade a qual hoje nos referimos como comunidade LGBT.

Em 28 de junho de 1969, madrugada de sexta para sábado, policiais invadiram o *Stone Wall Inn* para buscar o dinheiro de propina que exigia dos donos do estabelecimento para que este continuasse em funcionamento. As pessoas que tiveram que sair do bar para aguardar a passagem da polícia pelo local começaram a se indignar com as humilhações sofridas e, naquele momento, lideradas pela *drag queen* Sylvia Rivera e pela mulher negra transsexual Marsha P. Johnson, decidiram reagir ativamente contra a opressão, originando assim a Revolta de StoneWall que aconteceu durante cerca de 6 dias, angariou cada vez mais pessoas e é, até

hoje, considerada o berço da luta LGBT por igualdade. A partir daí, anualmente, frentes defensoras dos direitos LGBTs impulsionaram as marchas pela *gay liberation* (liberação gay em tradução livre), forma como era resumido o movimento na época.

No Brasil a homossexualidade foi, em tese, descriminalizada quando entrou em vigor o código penal de 1830 que retirava a “sodomia” dos delitos previstos em legislação. Infelizmente, nesta mesma época, profissionais do direito e da medicina se empenhavam em garantir que a perseguição a esta minoria não cessasse. A homossexualidade deixava de ser designada como desvio moral e passava a ser vista como patologia, sendo chamada de “homossexualismo” (“ismo” sendo um sufixo comumente utilizado na denominação de doenças) e sendo continuamente perseguida e reprimida pelas mais diversas formas de manifestação das forças conservadoras.

Com o passar dos anos, as tentativas de provar que sexualidades diferentes da heterossexualidade eram patologias falharam seguidamente, quando em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria removeu a homossexualidade de sua lista de patologias e, logo em seguida, em 1975, a Associação Americana de Psicologia removeu a homossexualidade de sua lista de transtornos psicológicos. Ambas as instituições são, historicamente, consideradas referências globais nos assuntos que lhes competem.

Em 1997 foi realizada a primeira grande manifestação pública em defesa dos direitos LGBTs no Brasil. Realizada em São Paulo e contando com a participação de cerca de duas mil pessoas, a marcha era denominada “Parada Gay” e com o passar dos anos se tornou a maior parada LGBT do mundo. Apesar do Brasil ser signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948¹, tendo esta sido usada como base para a elaboração da nossa constituição federal de 1988, os direitos da comunidade LGBT continuam sendo violados ao longo dos anos. A fim de garantir dignidade às pessoas LGBTs, bem como o uso de direitos e liberdades previstos em lei, em 13 de junho de 2019 o Supremo Tribunal Federal tornou o Brasil o 43º país a criminalizar a lgbtfobia em seu território, enquadrando o delito nas penalidades estabelecidas para o crime de racismo.

¹ A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (NAÇÕES UNIDAS, 1948) não cita diretamente a comunidade LGBT quando fala sobre efetivação de direitos. Apesar disto, cita que todos os direitos elencados na declaração devem ser usufruídos por todos os cidadãos, não devendo haver nenhum tipo de discriminação. A incorporação da comunidade LGBT como grupo abrangido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos se dá através das convenções e relatórios que sucederam a assembleia geral e que tratam de temas que possam não estar devidamente elencados na declaração. A exemplo, o relatório “*Born free and equal*” (2012) que define regras que os estados devem seguir a fim de garantir os direitos desta população.

1.2. Termologias

A causa LGBT visa representar todas as pessoas que se consideram divergentes dos padrões sociais de identidade de gênero, expressão de gênero ou orientação sexual. A identidade de gênero refere-se ao gênero com o qual a pessoa se identifica e não está necessariamente ligada ao sexo biológico. A expressão de gênero é a forma como a pessoa escolhe expressar seu gênero e não está necessariamente ligada à identidade de gênero e a orientação sexual diz respeito ao direcionamento da atração sexual de uma pessoa.

As várias denominações de variantes dentro destas três principais categorias continuam crescendo e sendo catalogadas, o que gera conflito quanto à representação de todas elas numa única sigla. Não existe um consenso universal sobre qual sigla deve ser usada, porém a mais utilizada mundialmente segue sendo o acrônimo “LGBT”, com destaque para a sigla “LGBTQIA+” que também vem ganhando bastante aderência na discussão acerca do tema. Uma de suas várias versões, bem mais extensa e inclusiva, raramente é utilizada: a sigla LGBTTTQQIAA²

Outro termo muito utilizado quando o assunto é a comunidade LGBT, mas que não está incluso na sigla, é a expressão “*Drag Queen*”. Esta, por sua vez, não está necessariamente relacionada com orientação sexual ou identidade de gênero: *Drag* é uma forma de expressão artística momentânea em que uma pessoa se veste com roupas ditas do gênero oposto, amplificando seus trejeitos e podendo, ou não, realizar apresentações artísticas. Uma pessoa que realiza esta forma de arte pode, ou não, fazer parte da comunidade LGBT, apesar de, geralmente, fazer.

A configuração patriarcal em que estamos inseridos no contexto das civilizações determina, também, pontos importantes na agenda da luta LGBT. No Brasil, as primeiras marchas pela diversidade carregavam o nome de “Parada Gay” (se referindo a homossexuais

² Abarcando respectivamente: **Lésbicas**: mulheres com atração sexual pelo mesmo sexo; **Gays**: homens com atração sexual pelo mesmo sexo (termo ocasionalmente usado para se referir a pessoas de qualquer gênero que se atraíam pelo mesmo sexo); **Bissexuais**: pessoas que se atraem por ambos, o mesmo sexo e o sexo oposto; **Transgênero**: pessoas que não se identificam com o sexo biológico com o qual foram concebidas; **Transsexual**: pessoa transgênera que se identifica especificamente com o sexo oposto ao seu sexo biológico; **Travestis**: pessoas que nasceram com o sexo biológico masculino e se identificam com o gênero feminino; **Two-spirit / 2**: termo usado contemporaneamente por nativos norte-americanos para designar pessoas que acreditam ter nascido com o espírito masculino e o espírito feminino dentro delas; **Queer**: em tradução livre significa “estranho”. Termo inicialmente usado de forma pejorativa que está sendo apropriado pela comunidade LGBT para se referir a todas as pessoas que se consideram divergentes em orientação sexual ou identidade de gênero; **Questionando**: pessoas que consideram que ainda estão em processo de descoberta e identificação de suas identidades de gênero e / ou orientações sexuais; **Interssexuais**: substitui o termo “hermafrodita” e se refere a pessoas que nasceram com características biológicas que não asseguram a identificação de apenas um gênero; **Assexuais**: pessoas que não sentem nenhum tipo de atração sexual; **Aliados**: pessoas que não necessariamente são divergentes em orientação sexual ou identidade de gênero, porém se consideram aliados à causa da comunidade.

masculinos). Nesta situação, a comunidade LGBT era comumente resumida à existência de homens gays e isto gerou, desde sempre, a sensação de que a luta de toda esta classe estaria beneficiando apenas uma parcela do grupo: os homens gays - não podemos dizer que é, de todo, uma inverdade.

A ativista Sylvia Rivera relatava a relação de pessoas transexuais com homens gays como sendo conflituosa: enquanto mulheres transsexuais e *drag queens* estavam à frente dos movimentos que buscavam avanços e conquistas de direitos para a comunidade, os homens gays tinham mais tendência a internalizar comportamentos lgbtfóbicos e faziam com que, por exemplo, mulheres transsexuais e *drag queens* se sentissem excluídas destes mesmos espaços que ajudaram a conquistar e a construir. Mulheres cisgênero (que se identificam com o gênero com o qual nasceram) lésbicas e bissexuais também se sentiram, historicamente, excluídas e pouco representadas nos espaços que a comunidade LGBT, aos poucos, alcança. É consenso, portanto, que estes espaços ainda são, majoritariamente, ocupados por homens gays.

Deste grupo, por sua vez, pode-se destacar também a tendência à predominância de gays que possuem comportamento considerado padrão, não sendo latente a expressividade da sexualidade no comportamento deles. Homens gays ditos “afeminados” também encontram dificuldades em se inserir em grupos de uma comunidade que, infelizmente, também é marcada pela heteronormatividade e pela supervalorização da masculinidade. Foi baseando-se nesta perspectiva que a sigla passou por suas várias adequações, desde “GLS” até a mais comumente usada hoje “LGBT”: para exigir equidade de gênero ao se colocar a letra L antes das demais, e para atingir mais representatividade englobando outros subgrupos que não estavam representados no acrônimo.

1.3. Padrões heteronormativos

Quando falamos sobre trejeitos de pessoas LGBTs, seja a suposta masculinidade nas mulheres ou a feminilidade nos homens, falamos sobre um assunto muito mais extenso e que é recorrente e conflituoso até mesmo no próprio meio LGBT. No texto *Gays afeminados ou a poluição homoerótica*, Oscar Guilherme Lopes (2017) aborda o assunto de forma extremamente didática e confronta padrões que vivenciamos.

A heteronormatividade é o conjunto de comportamentos que visa delimitar as formas de expressão humanas em detrimento do gênero de cada pessoa. A partir desta métrica, se constrói na bagagem cultural das civilizações a ideia de que existe um comportamento adequado para cada gênero, e que este comportamento deve seguir os padrões historicamente

fomentados por nós: aos homens, historicamente, são atribuídos padrões de comportamento robustos e de dominância. Às mulheres, traços de personalidade delicados e de submissão.

Uma significativa parcela das pessoas que compõem a comunidade LGBT apresenta trejeitos ditos desviados do que a heteronormatividade definiria. Por exemplo: mulheres lésbicas ou bissexuais costumam apresentar trejeitos ditos próprios do gênero masculino, e homens gays e bissexuais costumam apresentar trejeitos ditos do universo feminino. Em sua obra, Lopes aborda essencialmente a forma como a heteronormatividade atinge homens gays: Dentro dos próprios espaços ditos “diversos”, homens gays afeminados costumam encontrar dificuldade em se sentir inseridos e, muitas vezes, são considerados pessoas não atraentes - estas considerações baseando-se em comportamento, expressividade e estética. Esta tendência, por sua vez, é sintomática: no imaginário popular, muito atravessado pela heteronormatividade e especialmente pelo patriarcalismo, o homem gay que oculta ou simplesmente não expressa a feminilidade em sua personalidade está mais próximo do que é considerado uma pessoa heterossexual. Desta forma, seria mais aceitável conceder respeito e dignidade a uma pessoa cuja sexualidade não é expressada abertamente, do que a alguém que desobedece de forma latente o padrão heteronormativo de comportamento estabelecido socioculturalmente através das gerações.

A expressividade da feminilidade de homens gays pode ser considerada uma das principais ferramentas de luta deste subgrupo em específico. Desafiar os padrões heteronormativos que acometem toda a sociedade, incluindo a comunidade LGBT, é uma atitude de transgressão que vai muito além de um desafio, pois não só coloca a expressividade caracteristicamente LGBT em pauta e evidência, mas também clama a existência da necessidade de que as padronizações que limitam a existência plena de pessoas LGBT sejam desconstruídas, a fim de garantir a construção de uma sociedade plural, onde o respeito às diferenças não esteja subjugado à vontade de uma classe historicamente dominante e privilegiada, mas sim, garantido a todas as pessoas, independentemente de orientação sexual ou da forma como esta pessoa se sente confortável para expressar suas características de gênero.

Desta forma, o autor conclui que a rejeição aos trejeitos “desviados” vai muito além de uma questão de gosto, podendo estar relacionada com padrões de comportamento que fomentamos desde o início das civilizações e tendo cerne em um movimento de categorização sexista no qual um homem que se nega a usufruir da suposta dádiva da masculinidade (que seria recebida ao se nascer homem) é considerado digno de abominação e discriminação. A contextualização dos traços de personalidade das pessoas LGBTs com suas origens e seus

mecanismos dá luz a análises mais aprofundadas sobre a atual conjuntura social do Brasil no que tange à representatividade midiática deste grupo e seus possíveis desdobramentos.

1.4. Influência da mídia na construção da subjetividade

Falando em mídia, não é só nas novelas que podemos problematizar a forma como LGBTs são representados na TV brasileira. Irineu Ramos Ribeiro (2010), em seu livro *A TV no armário*, analisou a forma como a parada do orgulho LGBT de São Paulo de 2007 foi reportada jornalisticamente, observando características como a entonação dos jornalistas ao relatar o evento, as sequências de imagens utilizadas, duração das reportagens, edição, entrevistados e entrevistadores, conteúdo dos discursos, entre outros aspectos.

Um ponto importante levantado por Ribeiro durante a obra, é a questão da representatividade. Durante as transmissões do evento, de forma geral, as emissoras veicularam imagens que em sua esmagadora maioria eram de pessoas fantasiadas como *drag queens*. Ribeiro admite a necessidade de aferir representatividade às variadas formas de expressão artística dentro do movimento, porém destaca a necessidade de que, numa transmissão televisada para um grande público, a comunidade LGBT não seja resumida a uma única forma de expressão de comportamento, uma vez que esta seria uma representação errônea do que de fato constitui a comunidade LGBT: pluralidade e diversidade.

Em 2007 muitos avanços sociais para a comunidade LGBT ainda não haviam sido conquistados. Sintomaticamente, a forma como a sociedade brasileira enxergava as pessoas deste grupo era ainda mais influenciada pelo conservadorismo e pelo fundamentalismo cristão em comparação ao que podemos observar nos dias de hoje, ou seja: da cartela de representações que a parada LGBT poderia ter mediante a grande mídia, aquela que seria vista com mais aversão pelos olhares dos telespectadores, seria a parcela desta comunidade que expressasse suas identidades da forma mais caricata e contrária aos padrões heteronormativos que, à época, eram ainda mais latentes e expressivos.

A escolha editorial da forma como a parada LGBT de São Paulo de 2007 foi transmitida pela grande mídia, culminou numa representação infiel e tendenciosa daquele que é considerado um dos principais eventos em prol da busca por dignidade e garantia de direitos da comunidade LGBT. A representação midiática do evento prezou por construir um estereótipo comportamental e estético no qual o telespectador, supostamente, deveria encaixar toda a comunidade LGBT, e estereótipos são ferramentas comunicacionais que podem ser crucialmente prejudiciais para a assimilação de informações precisas quando limita o espectro de possibilidades contidas no assunto pretendido.

O fundamentalismo cristão e a noção de que o desvio à heterossexualidade é pecado permeiam a formação sociocultural da civilização ocidental, ocasionando que as leis cristãs e a comunidade LGBT sejam antagonizadas, e muitos dos discursos lgbtfóbicos acabem utilizando de pressupostos religiosos como embasamento e justificativa. Num país onde a grande maioria da população é cristã, este fenômeno tem particular importância na dinâmica que rege o progresso das pautas LGBTs.

No ano de 2007, além da parada LGBT de São Paulo aconteceu, também, logo antes, a vinda do Papa Bento XVI ao Brasil. A mídia, por sua vez, utilizou da situação para destacar, em suas publicações e suas transmissões, o fato de que a parada LGBT daquele ano havia atraído, à cidade de São Paulo, mais público do que a vinda do pontífice. O destaque dado a esta informação pode ser visto como uma estratégia de impulsionamento ao movimento de antagonização entre igreja e LGBTs que permeia nossa sociedade contemporaneamente.

Do ponto de vista de pressupostos religiosos, o crescimento ou a aderência de mais pessoas às práticas homoafetivas é visto como um grande sinal de deploração dos valores religiosos que o fundamentalismo cristão visa implementar. Desta forma, podemos inferir que o fenômeno comunicacional de deslegitimação da causa LGBT pela mídia, naquele ano, utilizou, também, de mecanismos relacionados à fé para alcançar aceitação e aderência pública.

A obra de Ribeiro evidencia com precisão a incidência dos grandes meios de comunicação na formação da cultura e dos padrões de comportamento e de valoração brasileiros. Conclui, ainda, que há muito o que se reformular neste espaço no que diz respeito ao tratamento dado e à representação da comunidade LGBT e suas pautas. Sua análise, que também passa por outras categorias de produtos audiovisuais, alega que a cobertura jornalística nacional do evento aferiu caráter extremamente negativo, degradante e caricaturizado à comunidade LGBT.

Curiosamente, o país retratado em *A TV no armário* por Ramos Ribeiro é visto, por estrangeiros, como um lugar muito receptivo às pessoas LGBT. Entre a comunidade lá fora, é muito comum a escolha do Brasil como destino de férias ou viagens a lazer, por exemplo. Há, porém, motivos para que o Brasil tenha uma imagem tão irreal para quem vê de fora. Estes motivos, aliás, datam de meados da década de 1960. É o que diz James Naylor Green (1999) em sua premiada obra *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, que analisa as mudanças comportamentais dos homens *gays* de São Paulo e do Rio de Janeiro ao longo do século XX.

Na obra, Green elucida que a efervescência da vida *gay* nas cidades que hoje correspondem à megalópole brasileira, - Rio de Janeiro e São Paulo, já surgiu com o caráter

marginalizado e progressista que o movimento LGBT carrega hoje, mesmo em um contexto totalmente distinto. Durante a década de 1960 o Rio de Janeiro era a capital do Brasil. Na ocasião, a cidade maravilhosa se tornava cada vez mais movimentada e economicamente desenvolvida com a ajuda do então contexto econômico e das belezas naturais que garantem à cidade, até hoje, a fama de cenário paradisíaco para férias ou moradia.

Nesta época, o bairro de Copacabana se tornou um dos cartões postais da cidade e passou a ser um dos espaços mais especulados e disputados da cidade. Com isso, não levou muito tempo até se iniciar um movimento de concentração de público masculino homossexual por todo o bairro e os prazeres e as facilidades que ele apresentava. A memória popular de quem viveu Copacabana da década de 1960 relata a existência da figura masculina homossexual como sendo sempre presente nos cinemas, nas recém-chegadas danceterias subterrâneas e na noite carioca em geral.

A homossexualidade era, entretanto, tão malvista quanto se pode supor para uma década tão remota na história do Brasil. Acontece que a efervescência da vida *gay* no Rio de Janeiro pulsava de forma incontestável, e obrigava pessoas de todas as classes sociais a lidarem com a ideia de que, mesmo marginalizados, os homens que se interessavam em outros homens estavam presentes no Rio de Janeiro e estavam começando a desenvolver o que veio a se tornar uma tendência nos anos que se seguiram: a noite *gay* do Rio de Janeiro.

A fama internacional da cidade do Rio de Janeiro como sendo um lugar de permissividades e vida noturna agitada foi difundida juntamente com as informações, muitas vezes em forma de alerta, de que a cidade era habitada por homens homossexuais que representariam um eminente perigo à integridade moral de qualquer homem que prezasse por sua reputação. Esta explanação da noite carioca, obviamente, não funcionou apenas como alerta. O Rio de Janeiro se tornou, vertiginosamente, um lugar conhecido internacionalmente por abrigar uma badalada vida *gay*. Esta fama também foi aferida a cidades como São Paulo que, apesar de não terem tido, à época, destaque turístico a altura, foram beneficiadas por tabela com o desenvolvimento dos sistemas de transporte e a consequente movimentação financeira que o eixo estabelecido com o Rio de Janeiro proporcionava. São Paulo, por exemplo, era considerada uma cidade que exercia função turística parecida com a do Rio de Janeiro, porém atenuada pela desvantagem de não possuir as belezas naturais da cidade maravilhosa.

Contribuindo para a fama recentemente adquirida, os “bailes *gays* de carnaval” que começaram a surgir na época, proporcionaram aos homens *gays* que viveram o Rio de Janeiro da década de 1960 um ambiente singular de experiências nunca antes vividas. Estes bailes representavam fielmente a efervescência da expressividade LGBT (neste contexto,

majoritariamente masculina e homossexual) que implodia dentro de um contexto de descoberta, onde membros de uma mesma comunidade passavam a ter contato com a ideia de comunidade e o senso de pertencimento necessários para a formação identitária de uma minoria social. O carnaval carioca da época, então, pode ser citado como um dos marcos principais para a história do surgimento do senso de comunidade entre homens *gays* no Brasil.

As informações levantadas por Green na obra *Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* elucidam os motivos que levaram o Brasil a ter, atualmente, a contraditória fama de ser um lugar receptivo às diferenças de sexualidade e identidade de gênero. Segundo dados do GGB (Grupo Gay da Bahia) a lgbtfobia motivou 141 mortes no Brasil entre janeiro e maio de 2019. Apesar de não termos a homossexualidade nem outras divergências de orientação sexual ou identidade de gênero na lista de delitos previstos em lei, este índice garante ao Brasil o lugar de liderança no *ranking* da violência contra LGBTs entre os países que disponibilizam relatórios sobre tais crimes. É especialmente problemático termos uma imagem supostamente afável à comunidade LGBT num país onde a intolerância ainda é tão latente.

No estudo *O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade*, Ellen Fernanda Gomes da Silva (2009) vai ainda mais fundo e, à luz de fundamentos base da psicologia, afirma que a mídia é dominante quando se trata de cumprir papel de mediadora de subjetividades. Com base nisto, a mídia é capaz de recriar valores e verdades, gerar mudanças de atitudes e de comportamentos e de influenciar contextos sociais.

O horário da noite é considerado o horário nobre da TV porque corresponde ao período em que grande parte da população está em casa, portanto, é o período em que as emissoras de televisão registram os maiores índices de audiência. É nesta faixa temporal que são exibidos os principais programas da grade das emissoras, entre eles as novelas. A Rede Globo exibe suas principais novelas no horário das 21:00 e é também neste horário que registra seus picos de audiência.

O ser humano é dotado do poder de observação, e a observação é um dos principais mecanismos de aprendizado que utilizamos no nosso desenvolvimento cognitivo individual. Este fato isolado é suficiente para inferir-se que as telenovelas exercem influência direta na formação sociocultural dos cidadãos, mas devemos, também, aliar a este fato a discussão em torno do poder que a mídia, propositalmente, exerce sobre nossas práticas e costumes. Através de grandes veículos midiáticos como a televisão, marcas divulgam seus produtos e dão razão ao serviço publicitário prestado pela mídia. Este serviço é contratado com base no funcionamento mercadológico que a publicidade tem mediante veículos como a TV, trazendo,

em geral, benefícios financeiros para o anunciante através do sucesso da intenção comunicativa de vender um produto. A partir deste sucesso, fica estabelecida mais uma evidência da forma como a mídia produz e media práticas de consumo de uma população e, conseqüentemente, suas subjetividades.

Outra forma de atestar a influência que a mídia exerce sobre nossos hábitos é o que o ramo publicitário chama de *Merchandising Editorial*: quando um produto de uma determinada marca é introduzido em produções audiovisuais de forma não anunciada, ou seja, de forma natural, a fim de que o telespectador se habitue com a presença daquele produto, especificamente daquela marca, de forma menos brusca e menos consciente. É como quando, por exemplo, sentados à mesa, os personagens de um folhetim usam a margarina de uma determinada marca e é possível, para o telespectador, fazer a distinção desta marca. O retorno financeiro gerado para o anunciante deste tipo de publicidade é, ao mesmo tempo, causa e consequência da forma como a mídia pode mediar nossas práticas de consumo e nosso comportamento.

Em seu estudo, Silva (2009) aborda a forma como o ser humano é capaz de construir seus padrões de comportamento através da associação, o que nos leva à questão da representatividade. Quando vemos um membro de uma minoria social em uma obra televisiva, podemos dizer que, ali, aquela minoria está sendo representada. Isto não garante, porém, que a esta minoria está sendo garantida representatividade – esta diz respeito à relevância que a representação tem. Ela se dá quando a representação afere, à minoria em questão, a possibilidade de ampliar representações a fim de que seus iguais possam, igualmente e proporcionalmente, sentirem-se representados em suas características físicas, comportamentais e ideológicas. Quando assistimos novelas, nos sujeitamos a depreender, sobre o indivíduo retratado na trama, a representação pretendida pelo autor ou pela autora da novela. Assim, inserimos em nossas visões de mundo o conjunto de características que são colocadas no personagem, e as associamos a outras amostras do mesmo grupo representado na obra. Por exemplo: quando um personagem *gay* masculino é representado numa novela, é possível, e até frequente, que ele seja inserido, profissionalmente, no universo da beleza: cabeleireiros, maquiadores, estilistas... Esta associação vem do fato de que homens LGBTs têm uma histórica relação com este universo. Mas quando uma novela escolhe retratar o homem *gay* afeminado como pertencendo apenas a um nicho de possibilidades profissionais, ela ajuda a construir uma delimitação nas possibilidades de inserção destes homens no mercado de trabalho. É passada a mensagem de que homens LGBTs são naturalmente capacitados a exercer este ramo específico de profissões, enquanto que todas as outras profissões existentes são ocupadas por pessoas

heterossexuais. Um homem *gay* que tem vocação ou interesse em trabalhar em outras áreas, pode não se sentir representado quando tenta encontrar modelos de homens *gays* que já estejam inseridos naquele contexto profissional. Assim, o mercado de trabalho acaba sendo atravessado por questões ligadas à sexualidade, interferindo negativamente na inserção de pessoas LGBTs na sociedade.

Analisar o assunto pretendido neste projeto através das discussões que Silva levanta em seu estudo pode ser enriquecedor, uma vez que tem relação direta com o cerne deste trabalho. Quando se fala que a mídia é capaz de moldar comportamentos, pode estar aí incluída a possível influência da mídia na formação da visão social da comunidade LGBT, haja vista que, mesmo que de forma controversa, a sexualidade de pessoas deste grupo é um assunto recorrente nos grandes meios. Com as discussões levantadas, Silva possibilita que o impacto da mídia no Brasil seja analisado de um novo ângulo, este com base na psicologia que, historicamente, é peça chave no que diz respeito aos estudos sobre comportamento humano em sociedade e seus desdobramentos. Isto abre espaço para uma análise mais aprofundada sobre como a comunidade LGBT foi e é, historicamente, retratada na TV brasileira. Quais foram os passos dados pela comunidade em direção à representação televisiva?

2 LGTBs E A TELEDRAMATURGIA NO BRASIL

Neste capítulo abordaremos o contexto histórico em que se insere a comunidade LGBT na teledramaturgia brasileira a partir do início de sua representação na televisão. Trataremos sobre marcos importantes na história desta representatividade e problematizaremos a forma como esta representação se manifesta na televisão brasileira desde que esta começou a acontecer.

Falaremos sobre as tendências narrativas que se manifestaram ao longo dos anos junto às tramas das novelas em detrimento de seus respectivos personagens LGTBs, a fim de traçar um paradoxo entre padrões observados e traços socioculturais presentes na sociedade brasileira. Levantaremos, também, dados quantitativos e descritivos sobre a presença de personagens LGTBs em tramas de novelas do horário nobre da Rede Globo dos últimos 10 anos. Associaremos e cruzaremos dados sistematicamente, a fim de evidenciar possíveis estereótipos presentes nas obras de cada autor presente no grupo estudado.

2.1 Personagens LGTBs em cena

Ao contrário do que se pode imaginar tendo em vista uma análise contemporânea dos conteúdos audiovisuais que o brasileiro consome, o primeiro beijo entre pessoas do mesmo sexo transmitido em TV aberta no Brasil foi televisionado pela TV Tupi no teleteatro *Calúnia*, exibido no ano de 1963. O beijo foi protagonizado pelas atrizes Vida Alves e Geórgia Gomide. Na trama, ambas eram diretoras de uma escola onde os alunos espalharam rumores de que elas tinham um romance. Entre protestos e boicotes dos pais de alunos, no fim da trama, as diretoras descobrem que realmente se amam e dão um beijo, dando veracidade às suspeitas.

Já o primeiro personagem LGTB em uma novela Brasileira foi o Rodolfo Augusto, vivido por Ary Fontoura. Era um costureiro amigo da protagonista e vivia em função da moda e dos desfiles de carnaval do teatro municipal do Rio de Janeiro, para o qual produzia peças de roupas. O primeiro personagem transsexual das novelas brasileiras foi Ramona, interpretada pela atriz Cláudia Raia na novela *As filhas da mãe*, em 2001. Na trama, a realidade difícil da jovem que vivia sob rejeição do pai transfóbico é retratada de forma cômica. A personagem viveu um romance com Leonardo, interpretado por Alexandre Borges. Sobre a escalação da atriz Cláudia Raia para viver a personagem Ramona, pode-se observar mais um desdobramento da manifestação da heteronormatividade que permeia nossa cultura e, conseqüentemente, nossa história audiovisual.

Para interpretar o papel de uma pessoa transsexual, foi escalada uma atriz sabidamente cisgênero. É comum que atores e atrizes sejam escalados para interpretar papéis que divergem

muito de suas realidades, afinal, esta é parte fundamental do ofício do ator ou da atriz. O ponto intrigante e importante de ser levantado, entretanto, é que existem atrizes transsexuais que poderiam estar ocupando aquele espaço e trazendo representatividade para a parcela da comunidade que estava sendo retratada na tela. Como esta possibilidade foi ignorada pela escalação do elenco da novela, vemos a continuação de padrões de comportamento relacionados à heteronormatividade que define que, dentre as formas de se ser uma pessoa LGBT, a mais correta, aceitável e até veiculável em TV seria aquela que mais se assemelhe às normas já estabelecidas de comportamento para pessoas heterossexuais e cisgênero.

Em um país onde, em 2018, 163 pessoas transsexuais foram mortas em crimes motivados por transfobia (*Antra - Associação Nacional de Travestis e Transexuais*), é sintomático e preocupante que as pessoas transsexuais não estejam ocupando nem mesmo os espaços midiáticos que dizem respeito justamente à retratação de sua comunidade. Como discutido anteriormente, a mídia no Brasil tem relação íntima com a formação sociocultural dos cidadãos que a consomem. Televisar uma personagem transsexual vivida por uma atriz cisgênero significa dizer às pessoas que consomem a obra televisiva que, dentre as pessoas transsexuais que existem, as que merecem respeito e representatividade são as que não se parecem transsexuais. É como educar as pessoas para que elas aceitem que a imagem de pessoas transsexuais não deve estar presente nos mesmos lugares e contextos em que a imagem das pessoas heterossexuais está e sempre esteve. Este tipo de invisibilização e de baixa representatividade de pessoas transsexuais na mídia podem estar correlacionados, causal e sintomaticamente, com a baixa presença destas pessoas no mercado de trabalho e em tantos outros âmbitos nos quais esta minoria também encontra dificuldade em se inserir.

Uma característica que também merece destaque sobre as primeiras novelas a retratar personagens LGBTs no Brasil, é o fato de que entre 1980 e 2000, ao todo, 6 personagens LGBTs tiveram finais fatais. No Brasil, a intolerância e o fundamentalismo cristão permeados na nossa cultura constroem um posicionamento ideológico muito aderido de que as vidas de pessoas LGBTs valem menos que as vidas de pessoas heterossexuais ou cisgênero. Esta é uma tendência ideológica conservadora que pode ser corroborada pelas estatísticas que revelam assassinatos de pessoas LGBTs em função de suas não-cisgeneridades ou não-heterossexualidades.

Com o passar dos anos, a morte de personagens LGBTs deixou de ser uma constante expressiva nas telenovelas e tornou-se menos relevante do ponto de vista da análise do fenômeno como representação do comportamento sociocultural. As primeiras novelas com LGBTs, porém, que ainda apresentavam esta tendência latente, denunciam a existência de uma

audiência que demandava que personagens LGBTs tivessem finais trágicos, representando assim a punição que esta audiência espera que recebam as pessoas que por ventura se comportem fora dos padrões heteronormativos estabelecidos para comportamento e sexualidade. Em 1988, na novela *Vale Tudo* (Gilberto Braga, Aguinaldo Silva e Leonor Bassères), Lala Deheinzeln e Cristina Prochaska interpretaram o par romântico Cecília e Laís. Cecília morreu em um acidente de carro. (Figuras 1 e 2)

FIGURA 1: CECÍLIA E LAÍS EM *VALE TUDO* (1998)



Fonte: Memória Globo

FIGURA 2: CECÍLIA EM CENA DE MORTE POR ACIDENTE DE CARRO (*VALE TUDO* – 1988)



Fonte: Memória Globo

Em 1998 foi exibida *Torre de Babel*, escrita por Silvio de Abreu. Silvia Pfifer e Christiane Torloni interpretaram Leila e Rafaela, casal que morreu em uma explosão em um shopping. (Figuras 3 e 4)

FIGURA 3: LEILA E RAFAELA (*TORRE DE BABEL* – 1998)



Fonte: Portal Terra

FIGURA 4: LEILA E RAFAELA EM CENA DE EXPLOSÃO DO SHOPPING (*TORRE DE BABEL* – 1998)



Fonte: Memória Globo

2.2. Levantamento de personagens das telenovelas de horário nobre da Rede Globo de Televisão (2009-2019)

A tabela a seguir elenca as telenovelas exibidas pela Rede Globo em horário nobre na última década que contiveram algum personagem LGBT na trama, bem como cita informações sobre estes. O processo de construção da tabela se constituiu de 2 etapas: a primeira sendo a catalogação, através dos portais *Memória Globo* e *GShow*, das novelas que correspondem aos critérios citados. Na segunda etapa foram buscadas informações básicas, como nome, ator / atriz e descrição do personagem nos portais *Memória Globo* e *GShow*.

TABELA 1 – PERSONAGENS LGBTs DAS NOVELAS DAS NOVE EXIBIDAS PELA REDE GLOBO ENTRE 2009 E 2019

ANO	NOVELA	AUTORA/A	PERSONAGEM	ATOR/ATRIZ	DESCRIÇÃO
2009	<i>Viver a vida</i>	Manoel Carlos	Osmar	Marcelo Valle	Produtor de moda que, ao longo da trama, tem relacionamentos com homens e mulheres.

2010	<i>Passione</i>	Silvio de Abreu	Arthurzinho	Júlio Andrade	Mordomo fiel de sua patroa.
2011	<i>Insensato coração</i>	Gilberto Braga e Ricardo Linhares	Roni Fragonard	Leonardo Migliorin	Promoter e amigo íntimo de uma socialite.
			Eduardo Aboim	Rodrigo Andrade	Publicitário que tem relacionamento com professor de direito.
			Hugo Abrantes	Marcos Damigo	O professor de direito em questão.
			Nelson Mesquita	Edson Fieschi	Advogado insatisfeito com sua vida de solteiro.
			Araci Laranjeira	Cristiana Oliveira	Líder das detentas de um presídio.
			Xicão Madureira	Wendell Bendelack	Atendente de um quiosque. Fofoqueiro e divertido.
			Gilvan	Miguel Roncato	Jovem homossexual que é espancado até a morte.
	<i>Fina Estampa</i>	Aguinaldo Silva	Crodoaldo Valério (Crô)	Marcelo Serrado	Mordomo de uma socialite que possui relacionamento com homem misterioso.
			Baltazar Fonseca	Alexandre Nero	Motorista de uma socialite, abusivo com a esposa e filhas. Ao final, descobre-se que é o homem misterioso com quem Crô se relaciona.

			Íris	Eva Wilma	Tia de uma socialite. Interessada em sua fortuna.
			Álice	Thaís de Campos	Companheira de Íris.
2012	<i>Avenida Brasil</i>	João Emanuel Carneiro	Roni	Daniel Rocha	Jogador de futebol com fortes sentimentos pelo amigo.
			Sidney	Felipe Titto	Jovem bissexual que desenvolve romance com Roni ao longo da trama.
	<i>Salve Jorge</i>	Glória Perez	Drica	Raphael Véles	Jovem homossexual que é aliciado pelo tráfico de pessoas para a turquia.
			Dudi (Eduardo)	Marcos Baô	Jovem afeminado com talento performático que é traficado para ser escravo sexual na turquia.
			Russo	Adriano Garib	Participante da quadrilha que trafica pessoas para a turquia.
	2013	<i>Amor à vida</i>	Walcyr Carrasco	Félix Khoury	Mateus Solano
Nicolas Corona (Niko)				Thiago Fragoso	Empresário homossexual romântico que sonha construir família com seu parceiro.
Eron Lira Torgano				Marcello Antony	Advogado e companheiro de Niko. Já foi

					casado com uma mulher.
2014	<i>Em Família</i>	Manoel Carlos	Clara	Giovanna Antonelli	Dona de casa que era casada com um homem e, no desenrolar da trama, se descobre bissexual e se apaixona por uma fotógrafa.
			Marina	Tainá Muller	A fotógrafa em questão, que é lésbica e se casa com Clara.
			Vanessa	Maria Eduarda de Carvalho	Ex de Marina. Se envolve com Flavinha a fim de fazer ciúmes e chamar a atenção da ex.
			Flavinha	Luisa Moraes	Personagem que tem relacionamento com Vanessa.
	<i>Império</i>	Aguinaldo Silva	Cláudio Bolgari	José Meyer	Homossexual que leva uma vida heterossexual, escondendo da esposa e filhos seu relacionamento com um companheiro.
			Leonardo	Klebber Toledo	Aspirante a ator, amante de Cláudio.
			Téo Pereira	Paulo Betti	Colunista social que publica escândalos.
			Xana Summer	Ailton Graça	Proprietário de um salão de beleza.
2015	<i>Babilônia</i>	Gilberto Braga, Ricardo	Teresa	Fernanda Montenegro	Advogada e defensora das causas LGBTs.

		Linhares e João Ximenes Braga	Estela	Nathália Timberg	Mãe advogada que se apaixona por Teresa.
			Ivan	Marcello Melo Jr	Instrutor de slackline casado com uma mulher, apaixonado por Sérgio.
			Sérgio	Cláudio Lins	Homem que durante a trama supera suas próprias dificuldades em aceitar sua homossexualidade .
2016	<i>A regra do jogo</i>	João Emanuel Carneiro	Duda	Giselle Batista	Em um relacionamento sério com Úrsula, com a qual decide ter um filho através de uma técnica de inseminação.
			Úrsula	Júlia Rabello	Companheira de Duda, volta a morar na casa dos pais e leva a namorada junto.
	<i>A lei do amor</i>	Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari	Gledson Rocha	Raphael Ghanem	Personal stylist.
			Wesley	Gil Coelho	Frentista.
			Zelito	Danilo Ferreira	Trabalha na noite como barman.
2017	<i>A força do querer</i>	Gloria Perez	Ivan / Ivana	Carol Duarte	Homem trans que vive conflitos até compreender sua identidade de gênero.
			Nonato	Silvero Pereira	Motorista vindo do interior do Ceará que, às noites, é

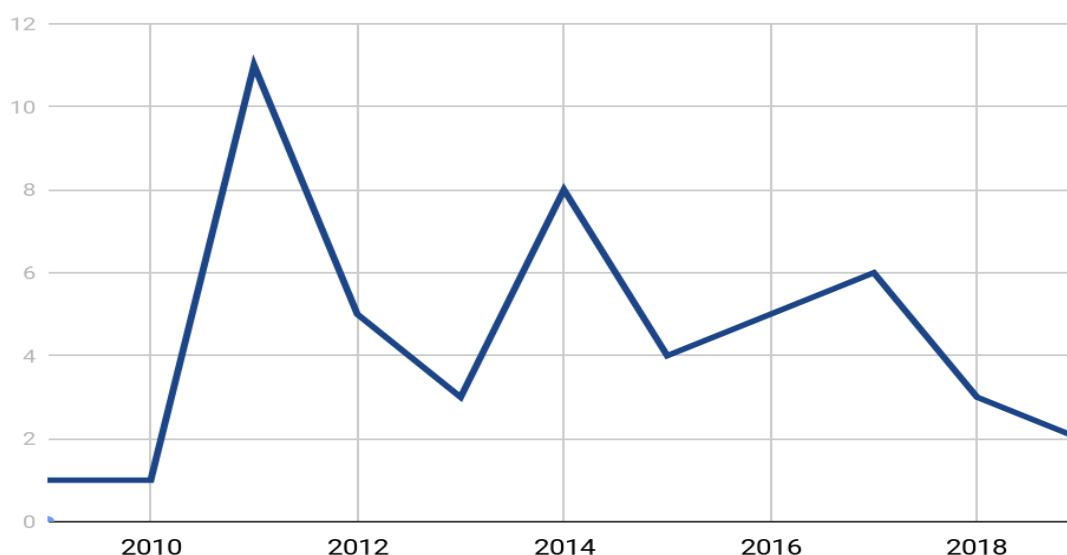
					transformista. Esconde a vida dupla.
	<i>O outro lado do paraíso</i>	Mauro Mendonça Filho	Samuel	Eriberto Leão	Psiquiatra que se casa com personagem feminina na tentativa de esconder sua homossexualidade
			Cido	Rafael Zulu	Frentista que desenvolve romance inicialmente secreto com Samuel.
			Marcel	Andy Gerker	Cabeleireiro.
			Nicácio	Fábio Lago	Cabeleireiro.
2018	<i>Segundo Sol</i>	João Emanuel Carneiro	Maura	Nanda Costa	Policial que mantém às escondidas um romance com sua vizinha.
			Selma	Carol Fazu	A vizinha em questão, que é casada e se relaciona secretamente com Maura.
	<i>O sétimo guardião</i>	Aguinaldo Silva	Adamastor	Theodoro Cochrane	Barman de cabaré e amigo confidente e divertido da dona do estabelecimento.
2019	<i>A dona do pedaço</i>	Walcyr Carrasco	Agno	Malvino Salvador	Sócio de uma construtora, tenta esconder sua sexualidade da família até que é exposto por terceiros; Vive um

					relacionamento com Leandro.
			Leandro / Mão Santa	Guilherme Leican	Adotado, durante a trama se torna um justiceiro criminoso.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do *Memória Globo*.

Doze dos treze autores que escreveram novelas para o horário nobre da Globo na última década inseriram personagens LGBTs em suas tramas. São eles: Manoel Carlos, Silvio de Abreu, Gilberto Braga, Ricardo Linhares, Aguinaldo Silva, João Emanuel Carneiro, Glória Perez, Walcyr Carrasco, João Ximenes Braga, Maria Adelaide Amaral, Vincent Villari e Mauro Mendonça Filho. Do total de 19 novelas exibidas no horário nobre da Rede Globo na última década, apenas duas não apresentaram nenhum personagem sabidamente LGBT em suas tramas: *Caminho das Índias* (Glória Perez) e *Velho Chico* (Benedito Ruy Barbosa). O gráfico a seguir mostra a evolução por ano da quantidade de personagens LGBTs nas novelas do horário nobre da Globo entre 2009 e 2019:

GRÁFICO 1 – QUANTIDADE DE PERSONAGENS POR ANO

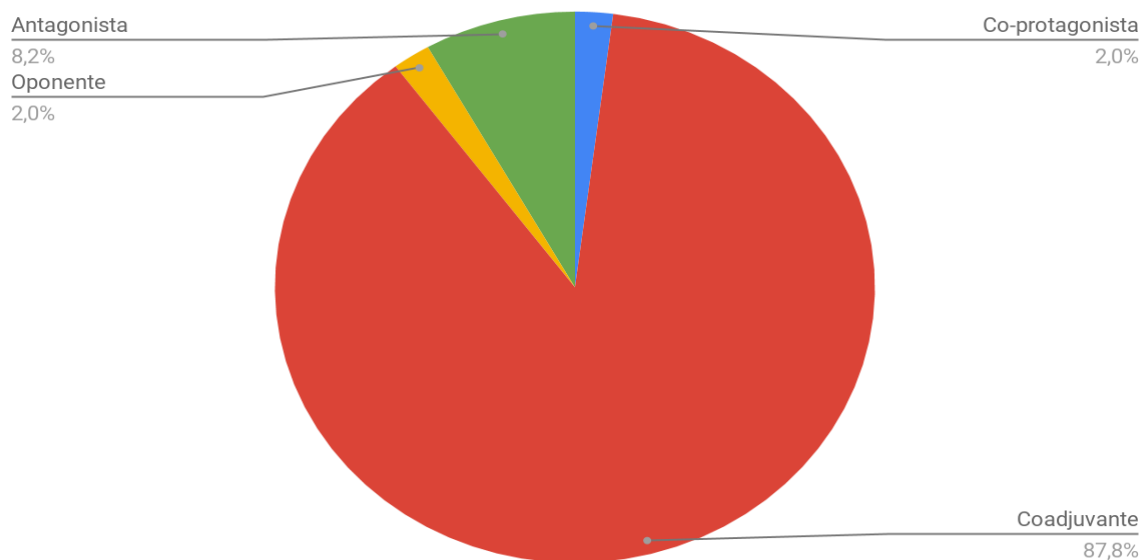


Fonte: Elaboração própria.

O gráfico aponta alguns picos de personagens Lgbts, os anos de 2011, 2014 e 2017, respectivamente, demonstram certa oscilação na quantidade de personagens com este perfil. Já no que se refere ao papel dos personagens na trama, 43 dos 49 personagens citados ocupam o

lugar de coadjuvante, 4 ocupam o lugar de antagonista, 1 ocupa o lugar de oponente e 1 ocupa o lugar de co-protagonista. Nenhum personagem ocupou a posição de protagonista. O gráfico a seguir mostra a representação dos dados citados em porcentagem:

GRÁFICO 2 – POSIÇÃO DOS PERSONAGENS PERCENTUALMENTE

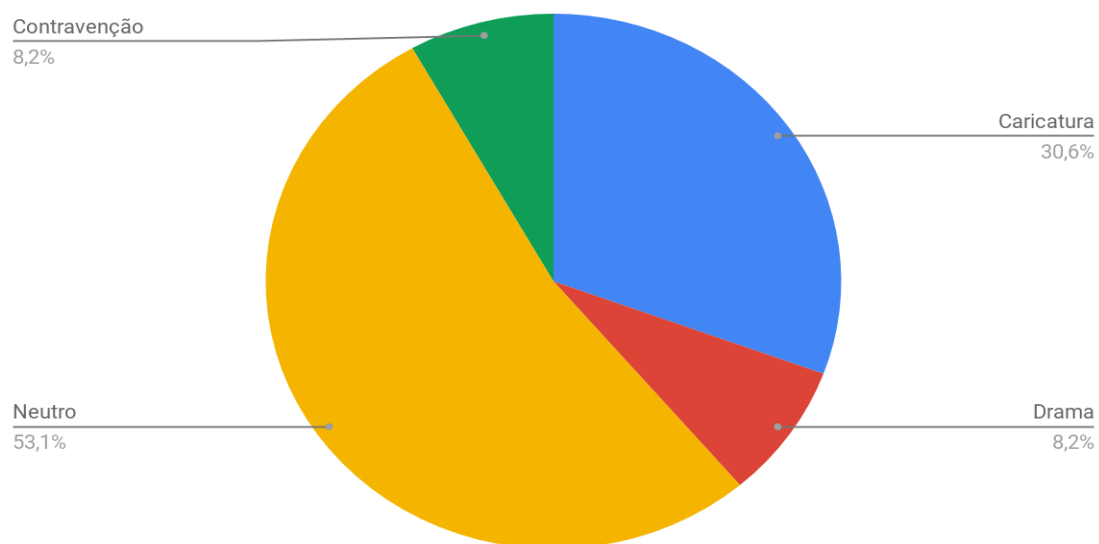


Fonte: Elaboração própria.

Se classificarmos os 49 personagens catalogados em categorias referentes a suas personalidades nas tramas, encontramos 4 principais comportamentos: 1.) *Caricatura* - quando a história do personagem envolve, majoritariamente, momentos onde sua sexualidade é caricaturizada por trejeitos e / ou estética; 2.) *Drama* - quando a história do personagem é majoritariamente composta por conflitos dramáticos; 3.) *Neutralidade* - Quando a história do personagem em detrimento de sua sexualidade não possui drama e nem caricatura expressivas; e 4.) *Contravenção* - quando o personagem é envolvido com algum tipo de atividade ilícita.

Nesta divisão, encontramos 15 personagens que se encaixam na categoria “caricatura”, 4 personagens que se encaixam na categoria “drama”, 26 personagens que se encaixam na categoria “neutralidade” e 4 personagens que se encaixam na categoria “contravenção”. O gráfico a seguir mostra a representação dos dados citados em porcentagem:

GRÁFICO 3 – CATEGORIAS DE PERSONAGENS PERCENTUALMENTE



Fonte: Elaboração própria.

A tabela a seguir apresenta a quantidade de personagens LGBTs escritos por cada autor ou grupo de autores, bem como as categorias narrativas nas quais estes personagens se encaixam:

TABELA 2 – PERSONAGENS E CATEGORIAS POR AUTOR / AUTORA

	Caricatura	Drama	Neutro	Contravenção	Total
Aguinaldo Silva	4		3	2	9
Gilberto Braga e Ricardo Linhares	2	3	5	1	11
Glória Perez	1	3		1	5
João Emanuel Carneiro			6		6
Manoel Carlos			5		5
Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari	2		1		3
Mauro Mendonça Filho	2		2		4
Silvio de Abreu	1				1
Walcyr Carrasco	1		3	1	5

Fonte: Elaboração própria.

Mais da metade dos personagens catalogados compõe a categoria “Neutro”. Nesta categoria estão os personagens cujos trejeitos, comportamento e vida cotidiana não expressam de forma latente suas sexualidades, podendo assim serem considerados “dentro dos padrões”. Contudo, não é tão comum alguém ter um ciclo social composto por pessoas LGBTs onde mais da metade das pessoas têm passabilidade (característica atribuída a pessoas cuja sexualidade facilmente passa despercebida). Esta quantificação nos possibilita levantar um ponto conflitante: Se, na prática, LGBTs passáveis não são tão frequentes assim, por que vemos esta subcategoria em uma porcentagem tão expressiva dentro das representações televisivas deste grupo?

A resposta para este questionamento pode estar no que disse Irineu Ramos Ribeiro, na anteriormente citada obra *A TV no armário*. O autor, ao comentar a forma como foi conduzida a transmissão da Parada *Gay* de 2007, ressalta que, para o mercado, o homem *gay* está apenas começando a ser visto como um público alvo potencial, ou até mesmo mediador do fluxo econômico, mas, esta aceitação, na maioria das vezes, apenas se dá quando são observadas no sujeito as características necessárias para aferir a ele determinada similaridade com os padrões estabelecidos para o “comportamento heterossexual”.

O assunto abordado por Ribeiro é pertinente para comentarmos a quantificação categórica que aqui foi feita pois fica claro, a partir da análise, que a representação passável de pessoas LGBTs é mais aceitável, para o horário nobre da TV, do que uma representação que se aproxime mais do que é compreendido como universo *Queer* – sendo o conjunto de costumes, consumo cultural, comportamento e trejeitos atribuído à comunidade LGBT.

Telenovelas - pelo menos as que não têm por objetivo retratar um universo fantástico - têm como um dos objetivos principais criar o sentimento de identificação com o telespectador. A audiência precisa sentir veracidade no contexto da obra e verossimilhança com a realidade vivida. A rejeição ao *Queer* é tão latente na teledramaturgia brasileira que chega a culminar numa fuga à realidade, onde autores de novela preferem construir uma obra de proporcionalidades sociais que não correspondem com a realidade, do que atrelar à sua obra a imagem fidedigna de personagens LGBTs e o preconceito que ela carrega. A relação entre a feminilidade expressada por homens *gays* e sua recepção social é um paralelo interessante de ser traçado e merece ser aprofundado, conforme faremos no capítulo seguinte.

3. UM ESTUDO DE CASO SOBRE FÉLIX KHOURY

3.1. Caracterização do personagem

A novela que antecedeu *Amor à vida* foi *Salve Jorge*, de Glória Perez. Na novela, o núcleo LGBT é composto por dois jovens que são aliciados como escravos sexuais na Turquia e um mandante do Tráfico sexual. Em 20/05/2013 tem estreia a novela *Amor à vida*, com autoria de Walcyr Carrasco, direção de André Filipe Binder, Allan Fiterman, Marco Rodrigo, Marcelo Travesso e André Barros, direção geral de Mauro Mendonça Filho, direção de núcleo de Wolf Maya e 221 capítulos, exibidos entre 20/05/2013 e 31/01/2014.

Com base nas informações obtidas no portal Memória Globo, a trama gira em torno de uma família de classe média alta, vista como modelo tradicional de família feliz. A ambição e a falta de afeto, porém, fazem com que conflitos obscuros se desencadeiem e sejam trabalhados ao decorrer da exibição. A família é composta pelo pai César Khoury (Antônio Fagundes), a mãe Pilar (Susana Vieira) e os filhos do casal, Félix Khoury (Mateus Solano) e Paloma Khoury (Paola Oliveira). A trama é ambientada no centro urbano da cidade de São Paulo – SP.

Félix foi um personagem massivamente difundido na mídia à época de sua exibição. Tanto dentro da programação da grade da emissora Globo, quanto fora dela, o vilão carismático teve sua história bastante explanada em vários veículos de comunicação, sendo um dos personagens LGBTs mais marcantes da última década e estando presente no imaginário dos espectadores ainda contemporaneamente (Figura 5).

FIGURA 5 - FÉLIX KHOURY EM *AMOR À VIDA* (2013)



Fonte: Memória Globo

Félix é um homem branco, alto, magro e financeiramente privilegiado. Tais características o colocam em lugar de privilégio, também, na trama da novela. Ele cumpre com as expectativas narrativas associadas ao papel de um homem desejado e, não coincidentemente, ele ocupa este lugar na trama. Desde o começo da trama, Félix é casado com Edith Sobral Khoury, interpretada por Bárbara Paz, com quem tem o filho Jonathan Sobral Khoury. Edith é uma estilista sofisticada, apaixonada por Félix e está em constante conflito com a realidade vivida pelo casal, onde as expectativas por ela nutridas dificilmente são cumpridas. Suas insatisfações giram em torno dela sentir que seu marido não tem interesses afetivos e sexuais proporcionais aos que ela sente por ele, além de seu comportamento inadequado, conflituoso e muito rígido em relação à educação de Jonathan, filho do casal.

Levando em consideração as categorias organizadas no gráfico 3 do capítulo anterior, Félix cumpre os requisitos para estar presente nas categorias *caricatura*, *drama* e *contravenção*, com maior relevância para a caricatura, haja vista que a caricaturização de seus trejeitos ditos afeminados faz parte da construção narrativa de praticamente todas as cenas em que o personagem aparece. A relação de Félix com seu pai, César, é bastante conflituosa. César sempre observou o comportamento de Félix com estranhamento, desde seus trejeitos, até o fato de o filho nunca ter demonstrado muito interesse em mulheres. A postura discriminatória de César com o filho é explícita, e este é o motivo utilizado por César para justificar o fato de

nunca ter tratado o filho com carinho nem apreço. Ao longo da trama, descobre-se que Edith foi contratada por César para seduzir Félix, devido ao medo do Médico de ter a reputação de sua família “manchada” pela possível futura descoberta de que seu filho seria gay.

Se, por um lado, a relação de Félix com o pai é conflituosa, sua relação com a mãe, Pilar, é de cumplicidade e carinho. Uma expressão muito presente no vocabulário de Félix é “mami poderosa”, forma carinhosa que ele encontrou de se referir à mãe, quem ele idolatra. A postura amorosa de Pilar com o filho garante que Félix a enxergue como um porto seguro, afinal, na companhia da mãe, Félix não passa pelas mesmas situações de discriminação que sofre com o pai.

A configuração da história do personagem, suas inclinações ideológicas e a postura moral que ele apresentou durante a trama, porém, merecem atenção no que diz respeito à forma como a representação de um membro da comunidade LGBT pode massificar estereótipos associados aos homens *gays* na sociedade.

3.2. Análise do personagem

Para iniciarmos nossa análise, é preciso ter em mente que o personagem teve uma trajetória volátil. Seu caráter, sua condição social, seu comportamento e suas convicções foram mudando com o passar dos capítulos. César Khoury, pai de Félix, é dono do hospital San Magno. Logo de início, Félix é inserido como um personagem invejoso que se incomoda com o bom relacionamento entre o pai e a filha, sua irmã, Paloma. Félix tinha o sonho de cursar medicina, mas não conseguiu aprovação no vestibular. Sendo assim, resolveu fazer um curso na área da administração para que pudesse, dessa forma, se aproximar da sua grande ambição de se tornar diretor no hospital do pai. Na tentativa de prejudicar a boa relação entre seu pai e sua irmã, ele alega que Paloma é adotada, tendo seus pais escondido essa informação desde sempre. Paloma ama e respeita muito o irmão, portanto tais alegações chegam a afetá-la negativamente.

Analisemos: pessoas LGBTs são historicamente desfavorecidas quando discriminadas no ambiente da escola, dentro de casa, na rua, no mercado de trabalho e em outros âmbitos. O movimento LGBT luta para que pessoas LGBTs possam crescer com condições equiparadas de conquistar sucesso profissional, haja vista que a discriminação pode trazer consequências diretas e indiretas para o desenvolvimento cognitivo, a saúde mental e a inserção profissional de pessoas desta minoria. Quando o autor Walcyr Carrasco aborda o personagem Félix como sendo alguém que se opõe de forma inescrupulosa e desonesta às frustrações que fizeram parte de sua história, aquilo que pode ser visto, de forma geral, como uma falha de caráter singular

de um personagem isolado, pode reverberar como uma padronização social, onde todas as pessoas LGBTQs que não alcançam sucesso financeiro podem ser associadas ao personagem da novela. Assim, constrói-se a ideia de que, de pessoas LGBTQs frustradas em suas ambições, pode-se esperar a falta de caráter e escrúpulos.

A irmã de Félix, Paloma, engravida. Com ciúmes da relação que nasceria, naturalmente, entre os pais e a neta, Félix sabota a gravidez da irmã, a encontra inconsciente, a abandona e joga o bebê dela, recém-nascido, na caçamba de lixo. O objetivo, ali, era que ele não tivesse que dividir o amor e o afeto dos pais com mais um membro da família, além de tentar causar a morte da própria irmã ao negar socorro (figura 6). Esta atitude inescrupulosa do personagem na trama também pode, facilmente, levar o espectador a crer que este é o tipo de comportamento que se pode esperar de qualquer pessoa real, LGBTQ, que passe por situações de ciúmes ou abandono.

FIGURA 6 – FÉLIX ABANDONA BEBÊ EM CAÇAMBA



Fonte: Globoplay.

Ao longo da trama, o personagem Félix se envolve em uma série de delitos gravíssimos, desde tentativas de assassinato, até fraudes com o superfaturamento de compras do San Magno, hospital de propriedade de seu pai, César. Um aspecto de comportamento que pode ser destacado no personagem, porém, e que permeia toda sua tortuosa trajetória, é o fato de que o vilão é, por muitas vezes, retratado de forma tola; Certa vez, após o desenrolar de várias descobertas sobre suas falcatruas, Félix foi expulso de casa. Ele teve que se hospedar em um

hotel humilde e levar um estilo de vida extremamente precário, antagônico ao que era proporcionado por sua família em sua luxuosa mansão.

No capítulo 162 da novela, o vilão se depara com a situação de ter que se alimentar de macarrão instantâneo, considerado um alimento de pobre valor nutricional e, acima de tudo, barato (não adequado para a alimentação de pessoas de classe social alta). Neste momento, o vilão se mostra indignado com a situação e, até mesmo, em descrença de que haverá de passar por tal situação. Ele reluta e reclama do macarrão instantâneo com sua colega de quarto (Figura 7), como se não estivesse ciente de que aquela situação era inevitável mediante sua nova condição financeira. Félix reclama como se não soubesse que, diferentemente de quando morava na mansão dos pais, ele não tem mais o direito de rejeitar ou escolher um prato de comida.

FIGURA 7 – FÉLIX KHOURY NA SEQUÊNCIA DE CONSUMO DE MACARRÃO INSTANTÂNEO



Fonte: Reprodução.

A trama do personagem, durante toda a novela, corrobora com o imaginário social de que homens LGBTs estão, acima de tudo, preocupados com sua aparência, seu requinte, sua etiqueta... Esta é uma padronização de comportamento que encontra referência na realidade cotidiana, onde, de fato, homens gays estão muito presentes na indústria da beleza e da moda, por exemplo. Apesar disso, a reprodução deste padrão de comportamento pode reverberar, na audiência, como um estímulo para que esta categorização seja feita e, até mesmo, um incentivo para que este padrão de comportamento seja esperado ou exigido de homens gays.

Quando o personagem se coloca em conflito passional com uma refeição “não requintada”, são ignorados princípios básicos de inteligência. Félix é consciente de que sua situação financeira mudou, de que sua realidade social é outra e de que precisará abdicar de muitos privilégios para conseguir voltar a concretizar seus planos criminosos. Apesar disto, o vilão age como se desconhecesse os fatos. Se comporta como se só fosse capaz de compreender a realidade que vivia em sua mansão, construindo a ideia de que seu requinte e sua etiqueta estão acima, até mesmo, de sua capacidade de raciocínio lógico. São reforçados, assim, não apenas o estereótipo do homossexual deslumbrado com a riqueza, mas também, a ideia de que suas preocupações supérfluas se sobrepõem a sua capacidade de raciocínio. O reforço a estereótipos fica ainda mais flagrante quando fazemos uma comparação entre a forma como os estereótipos atravessam o papel de vilão de Félix, e a forma como este atravessamento não costuma acontecer quando se retrata um vilão não LGBT, ou, pelo menos, os estereótipos não são os mesmos.

Vários foram os bordões popularizados por Félix durante a novela. Entre eles: “Será que eu salguei a santa ceia?”, “Será que eu cobre juro das 30 moedas de Judas?” e “Eu devo ter lavado cueca na manjedoura”. Desta forma, o personagem caiu no gosto do público e, apesar dos constantes delitos que praticava, suas cenas, quase sempre, garantiam generosas pitadas de humor.

A forma como homens LGBTs se relacionam com o humor, aliás, permeia a história da luta LGBT por direitos. Temos vários exemplos de LGBTs que usaram de suas performances para construir carreira no ramo do entretenimento: Jorge Lafond, Silvetty Montilla, Nany People, entre outros. A arte *Drag* é uma importante ferramenta de afirmação da comunidade LGBT, uma vez que transgride as regras de gênero que, quando impostas, muitas vezes culminam na discriminação de pessoas que não sigam tais padrões. Por outro lado, a comédia que caricaturiza LGBTs nem sempre tem só lados positivos. Em 2001, o programa *Zorra Total*, da Rede Globo, exibia o quadro “Maurição e Alfredinho”. No quadro, o ator Lúcio Mauro Filho (Figura 8), sabidamente heterossexual, interpretava Alfredinho, um jovem cuja feminilidade era bastante caricaturizada.

FIGURA 8 - ALFREDINHO E MAURIÇÃO EM ZORRA TOTAL



Fonte: Memória Globo

O cerne dos episódios era sempre o constrangimento que seu pai, Maurição, interpretado por Jorge Dória, sentia ao presenciar cenas em que a feminilidade do filho era exposta em público. Ao fim de cada episódio do quadro, o pai exclamava seu bordão: “Onde foi que eu errei?” se referindo a uma possível falha na educação do filho – que justificaria sua não-normatividade. A obra foge bastante do aceitável para a realidade que vivemos hoje, mas, apesar de não ser uma obra recente, ainda é possível traçar um paralelo entre Alfredinho e Félix.

No quadro *Maurição e Alfredinho*, a discriminação direcionada do pai para o filho é colocada em lugar de piada. O quadro parte do pressuposto de que um pai demonstrando descontentamento e decepção com os trejeitos afeminados do filho é um conteúdo engraçado de se ver. Já em *Amor à vida*, apesar das muitas vezes em que Félix sofreu discriminação pelo próprio pai, tais cenas não carregavam teor cômico. Elas estavam, na verdade, entre as cenas com maior carga dramática da trajetória do personagem. Ignoradas as diferenças de formato dos programas, o movimento de transvaloração da discriminação através dos anos é legítimo: foi dado à discriminação o tom dramático que ela exige.

Esta transvaloração, porém, não acontece da mesma forma quando consideramos o conjunto de características comportamentais de ambos os personagens. O movimento LGBT

luta para que não seja cobrada, de pessoas LGBTQs, uma performance específica de gênero, ou seja, que não haja padronizações. Ao colocar Félix no papel de um vilão cômico, Walcyr Carrasco afere, à feminilidade por ele expressada, caráter vexatório. Ao mesmo tempo em que a novela retrata o drama de Félix para ser aceito por sua família, também é passada a mensagem de que, havendo aceitação ou não, a performance tida como feminina, quando vinda de um homem, sempre será motivo de piada, sendo assim descredibilizada da mesma forma como acontecia quando retratada pelo personagem Alfredinho.

Este movimento de descredibilização dos homens que não performam a chamada masculinidade, fica ainda mais latente quando se observa que os principais atores por trás de personagens homossexuais cômicos são, sabidamente, heterossexuais. Histórias de personagens gays se tornando humorísticos de sucesso através da interpretação de atores heterossexuais constituem um cenário que instiga o questionamento sobre para quem este humor é direcionado – e para quem ele serve.

No episódio 63, após descobrir um caso extraconjugal de Félix com outro homem, Edith revela à família Khoury que Félix é gay. A partir daí, o casamento dos dois começa a desmoronar durante o desenvolver da história. A trama de *Amor à vida* é marcada pela história de redenção de Félix, quando, a partir da derrocada de vários de seus planos malignos, o vilão se encontra em face das consequências de seus atos e toma, com a ajuda de sua mãe, a decisão de tentar compensar positivamente a vida das pessoas que suas falcatruas atingiram negativamente. Durante o início de sua trajetória de redenção, Félix começa a se relacionar com Nicolas Corona. Interpretado por Thiago Fragoso, o empresário, mais conhecido como Niko, ajuda Félix a enxergar as vantagens em se redimir de seus erros e reconstruir sua vida de forma honesta.

Agora, Félix tem uma boa convivência com seu filho, Jonathan, com Fabrício, filho de um relacionamento anterior de Niko, e com Jayminho, que Niko havia adotado antes de começar a se relacionar com Félix. A nova família mora numa casa de praia, Niko gerencia seu restaurante e Félix cuida da parte financeira do empreendimento. O cenário agradável construído pela sucessão de bons acontecimentos culmina no que veio a ser a primeira cena de um beijo entre dois homens em novelas da Globo: no último capítulo da novela, Félix declarou, emocionado, seu amor a Niko, e os dois se beijaram (figura 9).

FIGURA 9 – FÉLIX E NIKO SE BEIJAM (AMOR À VIDA – 2014)



Fonte: Globoplay

Desde esta exibição, beijos entre pessoas do mesmo sexo se tornaram mais comuns na programação da TV Globo. Em 2018 o folhetim *Malhação: viva a diferença*, ao ar no horário das 18h, exibiu a cena de um beijo entre Lica (Manoela Aliperti) e Samantha (Giovanna Griggio). No ano seguinte, o mesmo folhetim, sendo na sua edição *Malhação: vidas brasileiras*, exibiu o beijo entre Michael (Pedro Vinícius) e Santiago (Giovanni Dopico). Em 2018 foi exibido o beijo entre Luccino Pricelli (Luciano Laham) e Capitão Otávio (Pedro Henrique Müller) na novela *Orgulho e Paixão*, que foi uma novela de época exibida na faixa das 19h. O horário é conhecido por exibir obras com temáticas conservadoras.

Nos capítulos finais de *Amor à vida*, após sofrer um AVC, César ficou com sua movimentação debilitada. Félix, após ter passado por seu período de regeneração, se oferece para cuidar do pai na casa de praia onde mora com sua nova família. Também no último capítulo da novela, é exibida a cena de reconciliação entre César e Félix, onde o filho leva o pai, de cadeira de rodas, até a área externa da casa para ver o mar. Chegando lá, o filho declara seu amor ao pai e este, pela primeira vez em toda a trama, retribui o gesto do filho (figuras 10 e 11).

FIGURA 10 – FÉLIX E CÉSAR SE RECONCILIAM (AMOR À VIDA – 2014)



Fonte: Globoplay

FIGURA 11 – FÉLIX E CÉSAR DÃO AS MÃOS (AMOR À VIDA – 2014)



Fonte: Globoplay

A cena é emblemática pois retrata, após muito sofrimento, a realização do filho ao, enfim, conquistar o carinho do pai. É importante ressaltar, porém, que a eminente redenção do personagem César, onde este dá sinais de melhora quanto a sua postura discriminatória e LGBTfóbica com seu filho, é colocada, narrativamente, como sendo uma mudança subjugada ao fato do pai estar inválido. Apesar das inúmeras tentativas de conquistar o respeito e a

admiração do pai enquanto este ainda era saudável, esta conquista só aconteceu no momento em que César se encontrava emocionalmente e fisicamente devastado, sendo seu filho uma das únicas pessoas a lhe estender a mão nesta situação difícil. A cena fala sobre o amor incondicional de um filho pelo pai, onde, mesmo com toda a rejeição sofrida, este amor permaneceu vivo, mas também retrata o sofrimento e a dificuldade enfrentados por um homem LGBT ao tentar conquistar o respeito de seu próprio pai.

APONTAMENTOS FINAIS

Concluimos que a história do movimento LGBT é atravessada, desde sempre, por normatividades. Estas padronizações acontecem dentro e fora da comunidade, sendo alvo de constante combate dos ativistas pelos direitos das pessoas que diferem do padrão instaurado para sexualidade, expressão ou identidade de gênero. A legitimação do movimento no Brasil foi e ainda é permeada por distorções midiáticas, provenientes de diversos setores da sociedade, calcados no fundamentalismo cristão e no conservadorismo.

É possível apontar que a teledramaturgia no Brasil, mais especificamente aquela presente no horário nobre da Rede Globo, tratou e trata o tema das mais variadas formas, estabelecendo com ele uma relação de, ao mesmo tempo, causa e consequência. Nesta relação, as obras buscam retratar arquétipos do que seria a vivência LGBT, ao mesmo tempo que é, também, responsável por ajudar a construir um conceito comum sobre o tema em sua audiência.

Vimos que a história da representação de pessoas LGBTs como personagens de telenovelas é atravessada pela forte presença da heteronormatividade, onde a diversidade contida na comunidade LGBT é invisibilizada, dando espaço à reprodução de padrões sociais que culminam na discriminação de uma grande parcela da comunidade que não se vê representada nestas obras ou, quando se vê, tem características negativas associadas à sua imagem. A dificuldade em se encontrar pessoas transsexuais interpretando papéis em novelas é um flagrante da forma como a representação destas pessoas na televisão ainda é precária e limitada.

Na novela *Amor à vida*, apontamos a reprodução de padrões comportamentais e estéticos, onde nenhum dos personagens LGBTs pertence a outras minorias sociais, ou a nenhuma minoria racial, por exemplo. Além disso, problematizamos a associação do homem LGBT à futilidade, tendo em vista a presença do estereótipo deslumbrado aferido ao personagem Félix Khoury. A partir da associação de tais estereótipos com as práticas criminosas do personagem, foi elucidada a relação narrativamente estabelecida entre a identidade LGBT e a tendência à vilania.

Encerramos elucidando a relação histórica dos homens gays com o humor, onde, através da análise do personagem Félix, de Walcyr Carrasco, apontamos que a caricaturização do que é tido como comportamento afeminado em homens, pode servir como ferramenta de desconstrução de opressões, assim como pode, a depender da aplicação, servir para reforçar estereótipos de gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, André. Infográfico: evolução dos personagens lgbt nas novelas ano a ano. Super Interessante – 28 de junho de 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/infografico-evolucao-dos-personagens-lgbt-nas-novelas-ano-a-ano/>> Acessado em 31 de outubro de 2019.
- CARTA CAPITAL. “**Cinco famílias controlam 50% dos principais veículos de mídia do país**”. Revista Carta Capital, 31 de outubro de 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>> Acessado em 21 de junho de 2019
- GANDRA, Alana. “**Pesquisa diz que, de 69 milhões de casas, só 2,8% não têm TV no Brasil**” Agência Brasil, 21 de fevereiro de 2018. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>> Acessado em 21 de junho de 2019
- GAYCATION. Viceland. Produção de Ellen Page. VICELAND USA 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k0sPPRAkmAM&t=2040s>> Acessado em 21 de junho 2019
- GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 1999.
- LOPES, Oscar. “**Gays afeminados ou a poluição homoerótica**” Revista Periodicus. Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22287>> Acessado em 21 de junho de 2019
- MEDIA OWNERSHIP MONITOR BRASIL. Repórter sem fronteiras. Disponível em: <<https://brazil.mom-rsf.org/br/>> Acessado de 31 de outubro de 2019.
- QUEIROGA, Louise. “**Brasil segue no primeiro lugar do ranking de assassinatos de transexuais**”. O Globo, 14 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transexuais-23234780>> Acessado em 21 de junho de 2019
- RIBEIRO, Irineu. **A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros**. São Paulo: Edições GLS, 2010.
- SILVA, Ellen. “**O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**”. ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), 2019 Disponível em <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%Cancia%20da%20m%C3%93dia.pdf> Acessado em 21 de junho de 2019
- SOUTO, Kuiza. “**Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório**”. 17 de janeiro de 2018. O GLOBO. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>> Acessado em 21 de junho de 2019
- DABAGUE, Danilo. “**HISTÓRIA: STONEWALL E ORGULHO LGBT – Lorelay Fox**”. 13 de junho de 2019. YOUTUBE. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e5X5rWHuqQ4>> Acessado em 20 de maio de 2020
- FERRAZ, Thaís. “**Dia do orgulho LGBT: Conheça a história do movimento por direitos**”. 28 de junho de 2017. GUIA DO ESTUDANTE. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/dia-do-orgulho-lgbt-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>> Acessado em 20 de outubro de 2019

OSÓRIO, Luiz Guilherme. “**O que mudou nos 50 anos de Stonewall?**”. 1 de junho de 2019. REVISTA HÍBRIDA. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/home/revista/edicao-4/50-anos-stonewall/>> Acessado em 20 de outubro de 2019

NAÍSA, Letícia. “**Relembramos como foi a primeira parada LGBT do Brasil**”. 20 de junho de 2016. VICE. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/pge47g/primeira-parada-lgbt-do-brasil> Acessado em 22 de outubro de 2019

PRETES, Érika; VIANA, Túlio. “**História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo**”. 01 de maio de 2013. EDITORA PUC MINAS. Disponível em: <<https://vetustup.files.wordpress.com/2013/05/historia-da-criminalizacao-da-homossexualidade-no-brasil-da-sodomia-ao-homossexualismo-tc3balio-l-vianna.pdf>> Acessado em 22 de outubro de 2019

Redação Lado A. “**Mapa da ONU acompanha história da descriminalização da homossexualidade no mundo**”. 11 de março de 2016. REVISTA LADO A. Disponível em: <<https://revistaladoa.com.br/2016/03/noticias/mapa-onu-acompanha-historia-descriminalizacao-homossexualidade-no-mundo/>> Acessado em 22 de outubro de 2019

NEVEZ, Felipe. “**A criminalização da homofobia: Como a constituição federal aborda a (des)igualdade, as discriminações e o racismo?**”. 8 de março de 2019. MIGALHAS. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/ConstituicaonaEscola/123,MI297569,81042-A+criminalizacao+da+homofobia+Como+a+Constituicao+Federal+aborda+a>> Acessado em 22 de outubro de 2019

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. “**A declaração universal dos direitos humanos**”. 10 de dezembro de 1948. NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>> Acessado em 25 de outubro de 2019

SALOMÃO, Lucas. “**Com decisão do STF, Brasil se torna 43º país a criminalizar a homofobia, diz relatório**”. 13 de junho de 2019. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/13/com-decisao-do-stf-brasil-se-torna-43o-pais-a-criminalizar-homofobia-diz-relatorio.ghtml>> Acessado em 25 de outubro de 2019

MARCUS, Eric. “**I have to go off: activist Sylvia Rivera on choosing to riot at Stonewall**”. 23 de junho de 2019. THE GUARDIAN. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2019/jun/23/i-have-to-go-off-activist-sylvia-rivera-on-choosing-to-riot-at-stonewall>> Acessado em 25 de outubro de 2019

AZEVEDO, Reinaldo. “**O IBGE e a religião – Cristãos são 86,8% do Brasil; Católicos caem para 64,6%; Evangélicos já são 22,2%**”. 18 de fevereiro de 2017. VEJA (ABRIL). Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>> Acessado em 25 de outubro de 2019

DA UNIVERSA. “**Homofobia causou 141 mortes somente em 2019; indica relatório**”. 17 de maio de 2019. UNIVERSA (UOL). Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/05/17/homofobia-causou-141-mortes-somente-em-2019-indica-relatorio.htm>> Acessado em 25 de outubro de 2019

BENÍCIO, Jeff. “**Torloni e Pfeifer: antes apaixonadas, agora rivais**”. 3 de novembro de 2014. BLOG SALA DE TV (TERRA). Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/torloni-e-pfeifer-antes-apaixonadas-agora-rivais.db434d6a4a75ead8db52873c05858017r4foketm.html>> Acessado em 4 de julho de 2019

SANTO, João Paulo Dell. “**Último capítulo de “Amor à Vida” repete recorde de audiência e supera “Salve Jorge” e “Fina Estampa”**”. 3 de fevereiro de 2014. RD1. Disponível em:

<<https://rd1.com.br/ultimo-capitulo-de-amor-a-vida-repete-recorde-de-audiencia-e-supera-salve-jorge-e-fina-estampa/>> Acessado em 4 de julho de 2019

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. “**ONU lança guia com obrigações dos estados para proteção de direitos LGBT**”. 17 de setembro de 2012. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-lanca-guia-com-obrigacoes-dos-estados-para-protecao-de-direitos-lgbt/>> Acessado de 4 de Julho de 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. “**Born free and equal**” 2012. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/Documents/Publications/BornFreeAndEqualLowRes.pdf>> Acessado de 4 de Julho de 2020.